



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOSÉ ALBERTO SANTOS ANDRADE

(depoimento)

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-280

Entrevistado: José Alberto Santos de Andrade

Nascimento: 09/01/1965

Local da entrevista: Em deslocamento, no carro do entrevistado em Porto Alegre

Entrevistador: José Patrício Cunha Pinheiro

Data da entrevista: 12/07/2012

Transcrição: Bruna Tomaschwski Perla

Copidesque e Pesquisa: José Patrício Cunha Pinheiro

Total de gravação: 17 minutos e 13 segundos

Páginas Digitadas: Sete páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso de José Patrício Cunha Pinheiro intitulado *A História da Maratona de Porto Alegre e sua Contribuição para a Popularização das Corridas de Rua na Cidade* desenvolvido na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Apresentação do entrevistado; sua participação em maratonas e seu trabalho na Rádio Gaúcha; participação da Rádio Gaúcha em conjunto com o Clube de Corredores de Porto Alegre; a importância da Maratona de Porto Alegre; popularização da Maratona; premiação como forma de motivação; a importância da vitória dos quenianos na valorização da Maratona; a Maratona de Porto Alegre em comparação com outras maratonas no Brasil; importância de atletas de outras cidades e países; , e também os de Porto Alegre; a parte técnica da Maratona.

Porto Alegre, 12 de Julho de 2012. Entrevista com José Alberto Santos de Andrade a cargo do pesquisador José Patrício Cunha Pinheiro para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.P. – Boa tarde José Alberto! Por gentileza diga seu nome completo, data de nascimento e profissão.

J.A. – José Alberto Santos de Andrade, eu tenho quarenta e sete anos, nasci dia nove de janeiro de mil novecentos e sessenta e cinco (09/01/1965), em Porto Alegre, sou jornalista formado pela UFRGS¹ em 1985 e desde então trabalho Rádio Gaúcha. Comecei como auxiliar de produção, passando a produtor, repórter e hoje trabalho como repórter, apresentador e comunicador em geral.

J.P. – Ok! Qual a sua relação com a Maratona de Porto Alegre?

J.A. – Como repórter eu cubro a Maratona de Porto Alegre desde 1989, foi a primeira maratona que eu cubri, e depois em 1991 a Rádio começou a se envolver com a Maratona sendo copromotor junto com o CORPA² e a partir daí, além da reportagem, eu passei muitas vezes a trabalhar na área de edição e de coordenação do trabalho da equipe da Rádio inclusive, de planejamento com a equipe dos eventos da RBS³ que organizou a Maratona junto com o CORPA [trecho inaudível].

J.P. – Você lembra o ano que se deu essa parceria?

J.A. – 1991 porque 1990 não teve Maratona. A Maratona enfrentou dificuldades, em 1989 parou, 1990 não teve, não houve possibilidade de organização, por falta de verba. Em 1991 a Rádio Gaúcha assinou com o CORPA o compromisso de uma sociedade que existe até hoje e aí através dessa associação a Maratona voltou em 1991, então, a partir dessa parceria, sempre com a presença da Rádio Gaúcha. Eu só não participei da cobertura da Maratona em 2007, por que eu estava em viagem.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

² Clube de Corredores de Porto Alegre

³ Rede Brasil Sul de Comunicações. A Rádio Gaúcha faz parte do grupo RBS.

J.P. – Dentro de todos os eventos esportivos presentes na nossa cidade, qual a importância da Maratona para o engrandecimento da cidade?

J.A. – Especificamente a de Porto Alegre, a importância que eu vejo é uma importância que ainda talvez não tenha sido dada. A Maratona de Porto Alegre tem a importância esportiva, ela tem uma capacidade de se tornar uma prova competitiva muito grande, muito grande. A Maratona de Porto Alegre se aperfeiçoou tecnicamente. Hoje pode ser uma maratona considerada das mais velozes do mundo, e isso aí para efeitos de *marketing*, para efeitos de imagem da cidade, do esporte da cidade é importantíssimo. É uma maratona que pela sua organização, pelo *know-how* que se adquiriu, ela se tornou referência no Brasil, pela maneira que é organizada, então, a importância que ela tem não é dada talvez ainda porque não existe; a gente procura a cada ano melhorar e vem melhorando, uma participação da comunidade, então, isso aí é uma luta permanente... Era do tempo que era só o CORPA e se manteve com a participação da Rádio Gaúcha e que eu vejo o pessoal da RBS, e agora da RBS como um todo que assumiu também a Maratona, mas é uma importância de referência desportiva e até turística, porque se a gente for comparar com as outras cidades, é aquela história, as grandes cidades do mundo têm a sua maratona que é um dia muito especial: o dia da maratona de Nova York é um evento anual dos mais importantes da cidade, da maior cidade do mundo, assim é nas maiores cidades do mundo... Londres que vai ter agora nas Olimpíadas⁴ já foi sede de gente quebrando o melhor tempo da história da maratona, é um evento da cidade, e Porto Alegre nesse ponto se ainda não dá toda a importância que dá para a Maratona, assim ela tem que ser levada.

J.P. – O que fazer então para cativar a população de Porto Alegre a aceitar esse evento, exatamente no dia dele, que é um dia especial para os maratonistas?

J.A. – Eu acho que a primeira coisa a ser feita sempre é o trabalho de divulgação, que é o que é feito hoje. Tem um veículo de comunicação poderoso, através desse efeito de popularização com provas paralelas, como as corridas de revezamentos, já teve maratoninha, a festa da Maratona tem que ser popular, isso é uma coisa que importante. A cada ano tem que ser insistente porque isso não se consegue de uma hora para outra, uma maratona de vinte, trinta anos como a de Porto Alegre, pode ser considerado um evento

⁴ Referência aos Jogos Olímpicos de 2012 realizados em Londres.

jovem, se ela tem trinta anos de idade é bom lembrar que ela tem vinte anos nessa nova concepção, então ainda tem que amadurecer muito. Porto Alegre não é uma cidade tão grande, não é uma cidade turística por excelência, mas a maneira que eu vejo para fortalecer ainda mais é, a cada ano, melhorar tecnicamente a prova. O corredor de rua vai fazer seu revezamento, mas ele tem que saber que naquela prova está correndo, por exemplo, dois quenianos como correram este ano; tem que ter uma referência... Eu corri na mesma prova que correu, vamos pegar o exemplo de um cara que nem está correndo mais, o Vanderlei Cordeiro de Lima⁵. Ele estava lá na Maratona e eu corri aquela maratona, eu não competi com o Vanderlei, mas eu corri na mesma prova que ele, eu acho que a Maratona também. O público poderá participar mais por causa da presença desses corredores de elite que se tornarão ícones do atletismo brasileiro e faz uma grande festa juntamente com a Maratona. Eu acho que tem que tratar muito bem a elite dos maratonistas como forma de chamar gente para Maratona para participar, participar correndo, e para participar assistindo.

J.P. – Como é que poderia se fazer isso, aumentar a premiação para esse pessoal de elite ou aumentar as condições de premiação para as categorias e faixas etárias?

J.A. – Eu acho que sim, a premiação é fundamental. Na premiação para a elite, a minha ideia é produtividade. Porto Alegre permite, por exemplo, que se possa sonhar com um recorde, com uma marca americana da Maratona, marca Latino Americana ou Sul Americana... Maratona mais rápida da América do Sul, se o corredor de elite conseguir essa marca ele ganha um prêmio extra, o prêmio está lá, vamos estabelecer, não vou dar valor aqui porque até não sei qual o valor. Ele ganha x para ganhar Maratona, um prêmio bom, um prêmio bom x, se ele bater a melhor marca brasileira ele ganha x mais um tanto, se ele bater a melhor marca Sul Americana ele ganha x mais um tanto, se ele bater a marca mundial ele ganha x mais um tanto. A nossa prova permite que pensemos em grandes marcas, se ele conseguir bater a marca mundial da Maratona em Porto Alegre ele ganha um carro, um carro de luxo, um negócio assim, se não ganhar fica para o outro ano, vai tipo Mega Sena, vai acumulando. A Maratona de Porto Alegre vai distribuir para quem bateu o recorde mundial, vai dar carro de luxo, um quilo de ouro, uma coisa assim. Acho que isso é *marketing*, é bacana para atrair o corredor de elite, por produtividade... Quem estabelecer

⁵ Maratonista brasileiro, medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de 2004, em Atenas.

menos de duas horas e dez minutos, ganha uma premiação tal, para os homens, eu estou falando dos homens, mas vale tudo para as mulheres também. Quem fizer a Maratona em menos de duas horas e vinte e cinco minutos ganha uma premiação especial, é claro que tem que ter suporte financeiro, isso cabe também às empresas, ao poder público observar esse potencial da Maratona, talvez uma transmissão internacional da Maratona de Porto Alegre pela televisão, tudo isso tá muito encaixado, não pode depender também só da empresa que organiza, no caso aqui a RBS, tem que dar conta disso. Não, não o mercado também tem que se abrir, a população se abre com o mercado, eu acho que essa é uma alternativa, produtividade, muita premiação paralela como fazem os americanos nas provas de automobilismo, aquela coisa assim: o armazém, uma coisa bem pequena, o supermercado tal está fazendo trinta anos quem passar na frente daquele supermercado na colocação de número trinta da Maratona ganha um prêmio, ninguém vai saber quem foi até a hora que o cara ganhar, ele não sabe qual é a colocação dele, mas ele vai passar na frente e vai dizer – o trinta sou eu. Depois da Maratona tu ganhaste um prêmio. Lances de marketing eu acho que ajudam muito a Maratona.

J.P. – Certo! Estima, mais ou menos, um tempo para que isso ocorra nessa corrida?

J.A. – Não, é difícil de estimar tempo. Eu acho que tá evoluindo. Acho que a vitória dos quenianos esse ano com tempos bons já abriu os olhos para a questão técnica; a Maratona é muito bem organizada no ponto de vista da logística, da assistência aos atletas, isso está bem encaminhado, então, eu acho que na hora em que a Maratona for manchete fora daqui pelos resultados eu acho que ela deslança porque daí os estrangeiros vão querer vir para cá. Se a gente puder adaptar uma data em ano de índice olímpico, de pan-americano, de mundial, acho que é legal, também houve ano, em 2000 acho que a Márcia Narloch⁶ ganhou a Maratona de Porto Alegre querendo obter o índice olímpico, não conseguiu o índice, mas fez o melhor tempo da Maratona de Porto Alegre e até hoje é consagrado o melhor tempo dela, então isso é importante, é vincular ao grande evento também, acho que tudo isso pode ser adaptado.

⁶ Maratonista brasileira, tricampeã da Maratona de Porto Alegre nos anos de 1998, 1999 e 2000.

J.P. – Entre os outros eventos não esportivos, todos os eventos culturais da nossa cidade, como Feira do Livro⁷, um dia a Maratona vai chegar a esse nível que seja aceita por todos os porto-alegrenses?

J.A. – Acho que não, acho que é indiferente, acho que a Maratona ela causa algumas coisas na cidade que ela não tem ainda o grau, está longe de ter o grau de envolvimento de eventos bem mais tradicionais. A Feira do Livro tem mais de meio século, é uma coisa cultural, uma coisa mais abrangente. A Maratona, ela ainda precisa envolver a população, nem sei se existe essa pretensão, não sei se tem que fazer com que essa pretensão seja atingida. Acho que não pode estabelecer esse tipo de concorrência, cada um tem o seu espaço. A Maratona tem o seu, esses outros eventos também os seus, acho que tem que fazer um somatório, a Maratona vai ser cíclica quando tiver gente assim, tiver uma época em que o esporte, a maratona, o atletismo esteja em alta, ela vai entrar em alta também, em quanto que as outras são mais o livro, ao evento cultural eles são mais perenes, menos instáveis.

J.P. – Mais alguma coisa que tu poderias acrescentar, por exemplo, nossa Maratona foi inspirada, pelo menos os primeiros organizadores se inspiraram na Maratona de Nova York, inclusive foram lá e trouxeram o projeto de lá. Acha que algum dia chegará nesse ponto ou com de forma semelhante?

J.A. – De tradição para cidade talvez não em tamanho obviamente que não, mas eu acho que a Maratona de Porto Alegre, ela tem que primeiro, se consolidar no Brasil, coisa que a Maratona do Rio, no início, a primeira Maratona do Rio ela foi num ponto altíssimo lá no tempo do Jornal do Brasil, deu uma caída e voltou ser uma maratona forte, ainda mais agora o Rio como sede olímpica⁸. A de São Paulo é uma maratona que é grande porque tudo que se faz em São Paulo é grande, mas a Maratona de Porto Alegre tem que trabalhar pela parte da competição, pela parte do tempo, pela parte de estabelecer melhor marca; a Maratona de Porto Alegre tem que ser a Maratona mais rápida do Brasil de fato, de direito e de imagem, que isso a do Rio não é, a de São Paulo não é, São Paulo com aquela topografia, com a própria poluição que tem mesmo em fim de semana, São Paulo talvez

⁷ Feira do Livro de Porto Alegre realizada anualmente no mês de novembro.

⁸ Referência aos Jogos Olímpicos de 2016, que serão realizados no Rio de Janeiro, Brasil.

não tenha essa condição, a época do ano, no Rio também. Porto Alegre tem como ser, ser a Maratona mais rápida, tem como ganhar e tem que buscar uma dimensão nacional para que obtenha então uma supremacia no Brasil. Porto Alegre tem que ser a terra da Maratona no Brasil, e acho também que um suporte que tem que ser dado é do número de corridas de rua na capital gaúcha; é uma coisa que antigamente tinha muito mais, eram melhor divulgadas, não sei o que é, quando eu comecei a trabalhar com maratona em 1989 eu passei cerca de um mês e meio, entre março e maio, fazendo corrida de rua praticamente todo o fim de semana, corridas bem divulgadas, corridas bem organizadas, bem premiadas e que hoje em dia não vejo mais nesses circuitos que estão acontecendo aí, eles estão um pouco secreto ou está faltando atletas de ponta para chamar atenção, o vencedor da Maratona de Porto Alegre era um cara bem mais conhecido na cidade naquela época.

J.P. – Você falou do passado, nós tínhamos muitos atletas gaúchos vencendo a Maratona e hoje não vemos isso. A que se deve essa transição?

J.A. – Então, tem um lado que é bom, a Maratona está buscando gente de fora de qualidade, isso também é bom, não adianta ficar ganhando só os daqui por serem daqui, tem que ganhar porque são bons. A gente já teve aí Volmir Herbstrith⁹, já teve gente que ganhou maratona boa lá fora, mas o que eu acho é o seguinte: é o surgimento de gente nova, de maratonista, seria bom que o Rio Grande do Sul ainda tivesse aquelas grandes figuras muito bem formados como na própria Brigada Militar, que era um baita celeiro, mas gente de fora faz sempre bem. O detalhe da gente daqui é que os corredores daqui eram conhecidos mesmo sem a Maratona, eles corriam uma rústica por semana e o nome deles estava no jornal, estava no rádio, estava em todos os lugares.

J.P. – Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

J.A. – Não. Eu acho importante, meu trabalho sempre vai para o lado técnico da Maratona, tem uma evolução que foi muito notada a partir de noventa e um com a associação de uma grande empresa com o CORPA, no caso a Rádio Gaúcha, a RBS, e houve uma sensível evolução técnica a partir desse momento. Essa evolução técnica em função de recursos ela diminuiu e tá sendo retomada agora, eu noto que está sendo retomado agora como

⁹ Maratonista gaúcho, tricampeão da Maratona de Porto Alegre.

organização, e isso vai se refletir nos índices técnicos. A questão de convencimento da população também já foi uma coisa bem mais traumática, o trabalho do serviço público hoje que ajuda muito na área de transporte, de trânsito hoje em dia está muito profissionalizado. Eu vejo quase que uma aceitação da Maratona maior do que tinha, ainda não é perfeito, ainda tem problemas e vai ter durante, talvez, muito tempo é uma cultura longa para se buscar, a formação de corredores de Porto Alegre é importante, o corredor tem que conviver mais com corrida de rua, não sei se a receita é só correr na Avenida Beira Rio¹⁰ as corridas pequenas, acho que isso aí afasta, o público da cidade que não se acostuma com corrida de rua. Aquilo não é corrida de rua para mim. Corrida de rua é por vez correr no meio da cidade mesmo, é botar o esporte onde não tem esporte, porque num parque, numa avenida de parque ali tem esporte, agora a gente tem que levar o esporte, levar a corrida, centralizar, tem que botar a corrida no centro da cidade, tem que botar a corrida no meio dos prédios muitas vezes, no fim de semana é claro, sem causar transtorno, não quero congestionar o trânsito, mas eu acho que a corrida de rua por vez ela tem que ser corrida nas referências das cidades, na frente da Prefeitura, como era no Parcão¹¹, hoje inviável por causa do trânsito, mas há vias em Porto Alegre que permitem a presença de público e presença do esporte, eu não gosto de evento esportivo só lá no Gasômetro¹², só na Beira Rio, tudo bem que lá é um lugar muito, talvez o melhor da cidade, só que aquilo lá afasta o público, a cidade não fica sabendo o que está acontecendo, e é muito bom ter a cidade vendo a atividade esportiva.

J.A. – Muito obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

¹⁰ Avenida de Porto Alegre, que margeia a orla do Rio Guaíba.

¹¹ Parque Moinhos de Vento.

¹² Usina do Gasômetro. Local de referência para localizar a concentração de eventos esportivos que ocorrem naquela área.